



CORPOS DISSIDENTES E MEMÓRIAS RESISTENTES CONTRA O EPISTEMICÍDIO DA DOR. UMA RESENHA DE SETTERINGTON, K. (2017). MARCADOS PELO TRIÂNGULO ROSA. SÃO PAULO, EDITORA MELHORAMENTO

CUERPOS DISIDENTES Y MEMORIAS RESISTENTES CONTRA EL EPISTEMICIDIO DEL DOLOR. UNA RESEÑA DE SETTERINGTON, K. (2017). MARCADOS POR EL TRIÂNGULO ROSA. SÃO PAULO, EDITORA MELHORAMENTO

DISSIDENT BODIES AND RESISTANT MEMORIES AGAINST THE EPISTEMICIDE OF PAIN. A REVIEW OF SETTERINGTON, K. (2017). MARKED BY THE PINK TRIANGLE. SÃO PAULO, EDITORA MELHORAMENTO

Lara Nunes dos Santos¹

O livro *Marcados pelo Triângulo Rosa* trata-se de uma pesquisa de denúncia aos horrores sofridos por homens homossexuais no Holocausto, sob o regime nazista alemão. A obra, publicada originalmente em 2013 no Canadá, recebeu a primeira e única edição no Brasil em 2017, pela editora Melhoramento. Entretanto, apesar do tempo de seu lançamento, o livro continua sendo inédito em muitos contextos brasileiros e ao redor do mundo. Neste sentido, surge a importância de publicar na Argentina, a leitura resenhada de uma graduanda em História do Nordeste do Brasil, para espalhar as vozes daqueles homens, vítimas de um genocídio histórico, que não só os perseguiu e ceifou, mas também deu margem ao epistemicídio acometido a esses sujeitos na história e na memória do Holocausto.

O autor traça uma linha do tempo da história dos homossexuais na Alemanha, desde a representação de Berlim como capital homossexual da Europa nos primeiros anos de 1900, passando pela drástica mudança no cenário político em todo o país, a perseguição oficial a homossexuais, os campos de concentração, o reconhecimento dos horrores cometidos no regime nazista, até os relatos biográficos dos sobreviventes. O livro é composto por 135 páginas, dividido em prefácio, 10 capítulos de desenvolvimento, a conclusão, posfácio, agradecimentos, apêndice, bibliografia, notas, referências das fotos e uma página sobre o autor.

No primeiro capítulo intitulado “Berlim - Capital homossexual da Europa”, Ken Seterrington descreve os aspectos de sociabilidade homossexual na capital alemã, expondo imagens de bares destinados ao público gay, tabloides e demais fontes documentais que abordam as características da vida desses indivíduos até o ano de 1930, onde havia o distrito gay de Berlim, repleto de bares, boates e restaurantes frequentados

¹ Graduanda em licenciatura em História e bolsista de Iniciação Científica pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: laran314@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5982-3637>



por homens e mulheres que não performavam a heterossexualidade padrão da época.

A partir daí, o que se segue é a contraposição do novo cenário da Alemanha, que se tornou cada vez mais hostil até 1948, como introduz o autor pelo capítulo “A ascensão dos nazistas”. Se, por um lado, a Alemanha foi palco do primeiro filme de temática gay (Anders als die Andern, 1918), em 1933 iniciaram-se os violentos ataques contra homossexuais, fechando os bares e boates que representavam as principais zonas desses homens e mulheres agora vistos como ameaças a serem combatidas.

O capítulo seguinte, cujo título sugestivamente sucede as atrocidades advindas com a ascensão de Hitler, “A vida gay acabou” apresenta histórias de homens gays vítimas do regime. Setterington realiza um trabalho de história e memória ao apresentar a trajetória de Rudolf e Peter Flinsch para caracterizar o modus operandi de extermínio homossexual nazista, ao apresentar o Paragrafo 175, lei vigente na Alemanha desde o século XIX, mas reestruturada para legitimar legalmente a perseguição. Nesta narrativa, o autor apresenta dados que indicam cerca de 650 homossexuais enviados ao campo de concentração Buchenwald entre 1938 e 1945, evidenciando a onda de horror instaurada na Alemanha.

Em “A raça superior: O plano nazista para livrar a Alemanha dos inferiores”, Setterington aborda a raça ariana e a busca para alcançá-la como principal embasamento dos nazistas para massacrar os homossexuais, pautando o discurso da inferioridade genética, para mascarar a desumanização promovida pelo regime. No desenvolvimento da narrativa, a figura do chefe de exército nazista, Heinrich Himmler, ganha destaque pela crueldade, ao promover em seis semanas de 1934 a prisão de mais homossexuais que a polícia alemã nos 15 anos anteriores. Isto porque, em 1934, Himmler declarou que: “[...] sobre a homossexualidade - um sintoma de degeneração racial destrutivo para nossa raça - voltamos aos princípios nórdicos que os degenerados devem ser exterminados [...]”. (Setterington, 2017, P.47). Dentro desta perspectiva, fica claro que quando se desumaniza o outro, justifica tratá-lo como não humano dentro do padrão ético moral.

O Capítulo 5, “A morte pelo trabalho” se desenvolve a partir da rica análise de fontes documentais sobre campos de concentração, mapa dos holocaustos com maior número de extermínio, instrumento de tortura pública, um laboratório científico, palco das experiências médicas, um gráfico composto por cada símbolo usado por prisioneiros nos campos de concentração e suas descrições em alemão, incluindo um triângulo rosa. Essa marca física e simbólica era destinada a todos os homens presos pelo crime de amar outro homem livremente, de expressar o amor que existe em cada um deles. No regime nazista, o ato de amar foi transformado em objeto de estudo, escárnio, crime com punição perpétua, sob o lema de “Arbeit Macht Frei” (O trabalho liberta), mas tal vislumbre de liberdade, em maioria, só era alcançado com a morte.

Durante os capítulos de desenvolvimento do livro, o autor prioriza a inserção dos relatos de homens vítimas do Holocausto, desde os sobreviventes até aqueles que tiveram o direito de viver roubado por outros homens que se intitularam “superiores”, mas se inferiorizam a cada decisão tomada, a cada pensamento obscuro propagado. Porém, no sexto capítulo “Nazistas em territórios ocupados, Setterington apresenta a figura de Stefan que se apaixonou por Willi um soldado nazista, demonstrando como em tempos e ambientes hostis para os homossexuais, o amor entre pessoas do mesmo sexo existe, resiste e se camufla para ser vivido longe das violências que procuram esses



corpos dissidentes desde o primeiro instante de vida.

Mas, se para os homossexuais a vida na Alemanha nazista já era difícil, o que aconteceria com um gay judeu? O autor responde a esta questão no sétimo capítulo do livro, intitulado “Homossexuais judeus”, a partir do relato de Gerhard Beck, que perdeu o contato com o grande amor da sua vida, Manfred Lewin, após ter que se esconder por ser judeu, apontando ao leitor que apesar da dupla dissidência, para os judeus, ser homossexual ou não, seu pertencimento étnico o tornava um inimigo em comum dos nazistas.

Ademais, nos últimos três capítulos que finalizam o livro, o autor tem como objetivo apresentar as consequências e o reconhecimento aos horrores cometidos aos homossexuais, bem o que aconteceu com os sobreviventes. No intuito de estabelecer uma relação entre o passado e a preservação da memória dos dissidentes sexuais na Segunda Guerra Mundial. Visto que, o esquecimento de eventos traumáticos para que a dor não seja rememorada, é uma prática ligada ao apagamento epistêmico de algumas narrativas.

Ken Setterington realiza um importante trabalho de denúncia dos horrores que vitimaram centenas de homossexuais, e que ainda sofrem com a invisibilização e apagamento das narrativas nas escolas, e ambientes acadêmicos ao redor do mundo. Isso porque, o “crime”, “pecado”, ou “degeneração”, conceitos atribuídos a homossexualidade a cada contexto no recorte historiográfico, estão sempre vinculados como algo a ser combatido e intolerável. O autor evidencia esse repúdio, ao analisar fontes que indicam a invasão da URSS em campos de concentração para libertar judeus e outras vítimas, mas ao se depararem com homens marcados por triângulos rosa, não faziam nada para libertá-los de tal condição.

Dentro das perspectivas e análises desenvolvidas ao longo da presente resenha, a obra cumpre, com maestria, o papel de denúncia e resgate da memória dos homossexuais vítimas, fatais ou não, do terrível regime nazista que marcou a história da humanidade tragicamente. O autor apresenta relatos e fontes documentais indispensáveis para a compressão da narrativa construída.

Esta obra se desenvolve em uma linguagem que rompe barreiras e democratiza o conteúdo, tornando a obra capaz de se conectar a distintos grupos de leitores. Tal produção contribui para ampliar os espaços de construção de conhecimento, principalmente no ensino de História, tanto em ambientes educacionais quanto em locais não institucionais, popularizando o tema e abrindo caminhos para a compreensão de aspectos que rondam as violências destinadas a corpos homossexuais ao longo de diferentes contextos históricos. Rememorar aqueles que foram perseguidos, torturados e mortos é refletir sobre a ausência de suas narrativas e compreender os aspectos envolvidos na perpetuação desse esquecimento, indo contra os mecanismos que buscam apagar suas histórias de lutas, resistências e sobrevivências daqueles que não tiveram o direito de amar.

Referências

Setterington, K. (2017). *Marked by the Pink Triangle*. São Paulo, Editora Melhoramento.